

Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos Intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) - 1922-1960.

*Marcelo A. Camurça**

Abstract

The article analyzes the motivations that led politically insurgent intellectuals to adhere to the Brazilian Communist Party as a way of furthering their aspirations and interests. It also examines this process from the Party's perspective, that is, the motivations of the Party in relation to the intellectuals that moved in its orbit.

Key Words: Intellectuals; Politics; Communist Party

Resumo

O artigo pretende analisar as motivações que levaram uma intelectualidade contestadora insurgente a aderir ao Partido Comunista Brasileiro, no período de formação do Estado Nacional Brasileiro, como forma de dar vazão as suas aspirações e interesses, enquanto segmento social emergente. Procura-se também contemplar em contrapartida, as motivações deste partido em relação a intelectualidade que orbitou em torno dele. Conclui-se tentando uma avaliação das motivações do gradual afastamento destes intelectuais do partido.

Palavras-chave: Intelectualidade, Política, Partido Comunista.

Introdução

Bernard Pudal no seu livro *Prendre Parti. Pour une Sociologie Historique du PCF* registra que entre o grupo de sindicalistas e pequeno-burgueses excluídos do mundo político que em 1920 aderiram a Internacional Comunista, figurava um considerável número de intelectuais; professores, jornalistas, "escritores em estado precá-

* Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e prof. do Departamento de Ciência da Religião da UFJF.

rio". Estes intelectuais se associam ao projeto político comunista, como meio de obter notoriedade, reconhecendo que devido sua condição de *periféricos* apenas pela via do inusual, do rebelde e "maldito" podiam conquistar o espaço político.

Pudal sugere então, em nota de pé de página, a necessidade de um estudo sobre esta intelectualidade periférica, "*análoga aquela que Robert Darnton consagrou a boemia literária no século XVIII*" (PUDAL, 1989, p.38).

A sugestão deste autor, suscitou-me a idéia, para o caso do Brasil, buscar estabelecer uma relação entre a baixa intelectualidade metropolitana e o Partido Comunista, entre os anos 1920- 1960. Desta forma, procurei ver em Darnton a forma como ele abordou a atividade política da "boemia literária do século XVII", assim como em Pudal as características desta "intelectualidade periférica" que ingressou nos Partidos Comunistas da Europa, procurando traçar um cotejo do caso europeu, com a realidade brasileira, quanto ao ingresso dos intelectuais no PCB.

Boemia literária e revolução no século XVIII segundo Darnton

Darnton no seu livro, procura focar a *performance* daqueles intelectuais de província que chegam a Paris no *boom* do Iluminismo, séculos XVII e XVIII, aspirando à condição de um Voltaire ou de um Diderot, mas que não alcançando "*le monde*", restou então, viverem no sub-mundo, no contrabando de obras censuradas ou escrevendo panfletos clandestinos, (*libelles*), insultuosos à elite do *Ancien Regime* e ao Clero. A sub-literatura veiculada por eles, "*exala ódio pela elite cultural e feroz igualitarismo*" (DARNTON, 1989, p.38) assim como "aversão ao sistema" (ibid, p.39). Este movimento *underground* se desenvolverá pois, na contramão das idéias filosóficas do Alto Iluminismo de Voltaire, D'Alambert etc, que foram *domesticadas* pela Sociedade da Corte.

Na verdade, estes filósofos refinados queriam apenas fundar uma *Igreja*, serem reconhecidos enquanto artífices de um *metier* pela alta nobreza; "esmagar a infame!" era mais pugnar teóricamente pela inteligência, contra o obscurantismo, que realmente querer derrubar a monarquia! (ibid, p. 149) Ao contrário, serão as produções dos sub-literatos baseadas nas "especulações dos filósofos", que vulgarizam estas teorias para o leitor comum. (ibid, p.79). Funcionando como intermediários, os sub-literatos, tiram o Iluminismo dos salões, levando à concretude o lema "ecrasez l'infâme!", através dos ataques que movem contra as altas figuras do Regime (ibid, p.78). Não que

não desejassem ascender socialmente, mas sua exclusão social torna-os "inimigos naturais do Estado" (ibid,p.118).

O conteúdo "político" desta sub-literatura, não se apresenta na forma de teorias e formulações, mas sim no estilo grotesco e sensacionalista da *chronique scandaleuse*: sodomia, incesto, adultério e impotência entre os membros da nobreza. Para Darnton o caráter político desta literatura se dá quando através das "revelações da corte" circulam-se notícias rompendo a censura desta sociedade fechada; através dos relatos *aventurescos* das prisões da Bastilha que terminam por denunciar o despotismo e o autoritarismo do Regime; ou quando frisam a impotência da aristocracia incapaz de "guerrear nem fazer amor, perpetuando-se através de efusões extra-conjugais com membros das classes mais baixas notoriamente mais viris" (ibid,p.202)

Os "virulentos ataques aos indivíduos que ocupavam posições de privilégio e poder: ministros cortesãos, "família real", retira-os da aura de temor e respeito que os cercava, tornando-os "tema público", o que termina por "dessacralizar o regime" (ibid,p.145). "Esvaziam mitos", "preparam inadvertidamente a revolução" (ibid,p.147). Por isso Darnton verá uma dimensão *escatológica* nesta literatura de baixo calão (ibid,p.46). A sub-literatura veiculada pela boemia literária possui um "efeito cumulativo" que desaguará no "dilúvio depois de Luis XV" depondo o poder aristocrático. (ibid,p.202). Um exemplo do poder corrosivo da sub-literatura no imaginário do *Ancien Regime* é o lamento do chefe de polícia Lenoir, à época da Revolução, de que não consegue mais arrebanhar claque para aplaudir a Rainha, coisa que num passado recente era feita espontaneamente (ibid,p.204); ou quando fornece os elementos de desmoralização que serão usados pelos revolucionários de 1789 contra o poder Real, como as arengas de Hebert sobre a "puta austríaca" e seu "cornudo gordo", incompreensíveis sem a contribuição anterior dos panfletos e opúsculos clandestinos (ibid,p.204).

Contestação, boemia e café

O ponto de contacto entre a boemia literária francesa do século XVIII e os intelectuais do século XX que orbitam em torno dos Partidos Comunistas, na Europa nas Américas e no Brasil, se dá porque ambos os casos agregam segmentos excluídos dos grandes esquemas de poder e prestígio, que através de um estilo de vida rebelde, contestador e boêmio, buscam confrontar o sistema dominante, como reação à sua condição de exclusão.

Apenas a via da boemia contestadora garantia a estes excluídos, uma postura ativa no mundo, livrando-os da despersonalização e mediocridade e conferindo a estes um papel significativo.

Darnton registra que a unidade básica e o centro que concentrava a boemia literária eram os *Cafés*, "*abertos a todos, a um passo de rua ... em sua intimidade com o popularesco*" (ibid,p,34).

O sociólogo Azis Simão, em depoimento a Revista Ciência Hoje, pinta o quadro da intelectualidade rebelde dos anos 30 e o papel dos Cafés como seu centro aglutinador:

"Os intelectuais ... encontravam-se nos cafés. Eu ia à cidade e sabia onde encontrar os amigos. As conversas nos 'cafés sentados', à tarde ou à noite, tinham enorme importância intelectual não apenas em São Paulo, mas em todas as grandes cidades do país. Nos cafés trocavam-se opiniões sobre livros, discutiam-se idéias ... Fazer boemia era viver à moda de seu tempo" (Ciência Hoje, vol 9.n 53,p.68)

Leôncio Basbaum em suas memórias, também aponta os Cafés como o *locus* em torno do qual o Partido Comunista contactava e atraía para o seu seio a intelectualidade rebelde:

"nos apresentou a Astrogildo Pereira num café da rua Marechal Floriano ... ali fiquei conhecendo João da Costa Pimenta e Otávio Brandão e mais tarde Paulo Lacerda. Era ali, por vezes, onde se reunia o que me parecia ser o quartel general do Partido Comunista" (p.37)

"Na primeira reunião da célula, e na presença de Astrogildo, realizada em um dos famosos cafés da Rua Larga foi formada a direção" (p.39)

Porém com a crescente institucionalização do movimento, os Cafés serão paulatinamente abandonados pelas sedes do Partido e dos sindicatos, como locais privilegiados de reunião:

"Os cafés em que costumávamos encontrar estavam ficando abandonados. Agora tínhamos sedes, o que se constituía, sem dúvida, em um grande progresso. Havia agora um Partido organizado funcionando. (BASBAUM,p.48)

Isto significava também que a intelectualidade deixava de estar avulsa em ambiente "duvidoso" para se concentrar sob o controle burocrático do Partido ou de corporações em locais funcionais para a prática da política partidária.

Motivos de adesão

a) *Busca de status*

A atração que os Partidos Comunistas exerceram sobre esta intelectualidade periférica, está na razão direta do desejo deste segmento penetrar em um campo político acessível apenas pelos instrumentos tradicionais (partidos e instituições conservadoras)

Pierre Bourdieu sublinha que para indivíduos desprovidos de *capital político*, seu ingresso num tipo de partido como o comunista, significava garantias de condições para exercer a atividade política que no seu cotidiano seria impossível "a não ser a custa de um sacrifício de tempo e dinheiro" (BOURDIEU, 1989, p.165)

No que tange à realidade brasileira, a partir da experiência singular do agrupamento de *intelectuais* que ao lado de uma maioria obreira (gráficos, sapateiros, alfaiates, ferroviários e marítimos) fundaram o Partido Comunista, é possível chegar a algumas generalizações. Para tal, nos servimos da análise de Leôncio Martins Rodrigues, no seu estudo sobre a trajetória do PCB (RODRIGUES, 1977). A formulação que ele advoga é que esta intelectualidade que adentra no PCB nos anos 20 (jornalistas, médicos e advogados) e num segundo momento, nos anos 30 (militares: tenentes e capitães) são ambos segmentos advindos das "camadas médias" provenientes de famílias tradicionais decadentes de estados do Nordeste, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, periféricos à estrutura da política "café-com-leite", que incapaz de absorver-los no mundo agrário, reconverte-os ao mundo urbano na perspectiva de garantir-lhes influência e *status* social.

Rodrigues constata que é no âmbito do Estado e do seu aparelho burocrático que esse segmento se aloca, ficando à margem da atividade produtiva (comércio e indústria), esta, controlada por uma burguesia composta de imigrantes. Tanto os intelectuais adaptados no serviço público, no ensino e no aparato jurídico; quanto os militares alocados nas Forças Armadas, trarão para o PCB uma cultura estatal. O seu esquema mental e estilo de fazer política estarão circunscritos definitivamente nos marcos do Estado, tomando-o como referencial absoluto.

Daí o privilégio que as teses políticas do PCB darão aos temas do *desenvolvimento econômico* e da *soberania nacional*; ao lado de uma desconsideração a questão da *sociedade civil*, da *autonomia* e da *democracia*. Da mesma forma, aí se explicam as alianças que o PCB fará com os governantes pós-30, pois são eles (Getúlio Vargas, Gois Monteiro, Juarez Távora, João Alberto) da mesma origem social e geração (vindos das classes médias das famílias tradicionais do Sul e Nordeste) daqueles que ingressaram no PCB.

Para este segmento social à margem do campo político e do campo intelectual, o ingresso numa instituição como o Partido Comunista "*conferia ao escritor ou ao filósofo mais desprovido de obras publicadas e de notoriedade, uma autoridade que o permitia se impor num diálogo com os intelectuais mais importantes*" (VERDÉS-LEROUX, 1981, p.54). Da mesma forma, ainda no registro de Verdés-Leroux, o pertencimento ao Partido Comunista garantia a estes intelectuais obscuros o acesso a um mercado, onde "*um conjunto de revistas e de jornais de acesso reservado assegurava um fluxo às produções destes intelectuais e constituía um incentivo à sua produção.*" (ibid.p.52)

Para o caso brasileiro, Rubim, registra que o PCB organiza "todo um espaço cultural alternativo" para os "intelectuais filiados" e "próximos" (ibid.p.15). Afirma que "*a rede cultural somada ao intercâmbio e ao conjunto de aparelhos dos movimentos comunistas por todo o mundo, funcionam como elementos cativantes ... com relação ao meio intelectual e inclusive permitem a constituição de carreiras intelectuais. Certamente este é um dos elementos formadores da dimensão internacional de um Jorge Amado, só para citar um exemplo*" (ibid,p.25)

Verdés-Leroux por sua vez vai desmonstrar que o PC Francês "*editou, difundiu ... recomendou as obras de seus jornalistas ... que sem esta interferência não teriam encontrado editores, na maior parte dos casos. Esta literatura se beneficiava frequentemente de traduções para URSS e para as Democracias Populares, alcançando tiragens consideráveis*" (ibid,p.16). Enfim escritores ignorados na França "*podiam figurar nas antologias destes países*" ou ainda serem convidados para ministrar cursos de literatura na Universidade de Moscou. (ibid,p.52)

Para o caso brasileiro, há o registro que Jorge Amado dirigindo a coleção *Romances do Povo* do Editorial Vitória do PCB concorreu para a introdução dos livros *Chove nos Campos de Cachoeira* de Dalcídio Jurabdir e *Sol do Meio Dia* de Alina Paim no mercado literário soviético. Todos traduzidos e editados na União Soviética (BERNO DEALMEIDA, 19 p.225)

b) Adesão pelo encantamento

Passando para outro tipo de argumentação, poderíamos arrolar também como causas desta adesão, dimensões explicativas de outra ordem que não a do utilitarismo. Estamos nos referindo a uma ordem de gratuidade, do *encantamento* diante de uma causa, que fez indivíduos aderirem a um projeto de enfrentamento as iniquidades do mundo:

“O humanismo, a justiça social, a igualdade são outras idéias força que ajudam esta gravitação. Jorge Amado, em entrevista, declarou serem estas as principais razões que o levaram aderir ao PC nos anos 30” (RUBIM,p.23)

Tomando por base Verdés-Leroux, estes intelectuais libertários que ingressaram nos PCs movidos por um ideal, devem ser distinguidos daqueles funcionários que adquiriram o *espírito de partido*. Estes idealistas geralmente acorrem aos Partidos Comunistas à época de “eventos históricos”.

Destas grandes conjunturas e eventos podemos destacar:

“o prestígio e repercussões das revoluções e experiências socialistas ... a URSS especialmente no final dos anos 20, década de 30 e no pós-segunda Guerra Mundial aparece como forte pólo de atração. Com a Revolução Cubana no final dos anos 50 e na década de 60 acontece algo similar.

Exercendo efeito gravitacional menor pode ser lembrada a Revolução Chinesa e especificadamente nos anos 60 sua polêmica Revolução cultural ... a polarização ideológica e a luta internacional contra o nazi-fascismo nas décadas de 30 e 40 são importantes fontes de atração da intelectualidade ... ainda podem ser enumerados alguns movimentos - como as campanhas pela paz mundial e contra a bomba atômica desenvolvidas nos anos 40/50” (RUBIM,19,pp.20-21)

Estas conjunturas majestosas produziram efeito eletrizante e mobilizador nos intelectuais que despontavam ainda sem compromissos com o *establishment*, levando-os a uma postura de engajamento dentro dos PCs. Muito embora como sublinhou, Pudal, o intelectual que assumisse esta feição *engagé* e militante estivesse “condenado, daí para frente, a este duplo jogo político-literário”

(PUDAL, 1, p.38, n 1). A obrigatoriedade da temática política na criação intelectual, levará recorrentemente a tensões, onde se conjugam o encantamento com os constrangimentos e dirigismos impostos a ele. Isto pode ser evidenciado, para os anos 20, com o exemplo de Oswald de Andrade e Pagu, vistos pejorativamente pelo militante Basbaum, como "intelectuais deslumbrados" diante do "meio proletário", mesmo sofrendo discriminações internas pela sua origem de classe, situação que Rubim classificou como de uma adesão "de forma masoquista". (ibid,p.12). Para outros intelectuais, como Raquel de Queirós a negação em acatar a censura partidária a seu romance sobre camponeses, considerado "reacionário" e "pequeno-burguês", levou-a a expulsão do PCB. (DULLES, p.405).

Outras levas de intelectuais adentraram o PCB em conjunturas decisivas, como as da formação da Aliança Nacional Libertadora em 1934-35 e a do pós-guerra em 1945 com a legalização do PCB.

"Nestes anos ingressaram no partido, entre outros, intelectuais como: Caio Prado Jr, Mário Schenberg, Di Cavalcanti, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Raquel de Queirós, Patrícia Galvão, etc... ex militantes da ANL, aderem então, ao partido... é o caso de Graciliano Ramos... A virada contra o nazifascismo... filiam-se ou aproximam-se do partido intelectuais como: Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Dyonélio Machado, Nelson Pereira dos Santos, Oscar Niemeyer, Dorival Caymi" (RUBIM, 19 pp.13-14)

De uma forma crítica, analisando a esta adesão massiva, o crítico Otávio de Faria em seu *Destino do Socialismo*, "assinala que a tendência socialista tornou-se uma epidemia" (p.xix) e "que muitos daqueles que se proclamam seus seguidores em verdade estavam acompanhando a 'moda'" (p.xx).

"Traduziram-se os novos evangelhos e muitos só por olhá-los nas vitrines das livrarias... converteram-se. Falou-se na miséria dos proletários, na opressão da burguesia e muitos, sem cuidar, de saber se havia outros movimentos mais sensíveis a esta miséria aceitaram sem mais discussão. E se fizeram socialistas e comunistas" (FARIA, in BERNO de ALMEIDA, 19, p.103).

Basbaum, por sua vez, nas suas memórias, fala do *frisson* entre os intelectuais que provocado pela adesão ao PCB em 1945:

"Desde que Prestes foi posto em liberdade e o Partido devidamente legalizado, houve uma enxurrada de adesões de pessoas de todas as classes... A grande maioria era constituída de gente nova, operários, funcionários, bancários, intelectuais aí incluídos escritores, artistas plásticos e teatrais, médicos, arquitetos, engenheiros e até mesmo advogados. Todos querendo pertencer ao PCB, ao 'partido do futuro'"
(BASBAUM, 19,p.190)

Arte como contribuição à causa da revolução

A principal contribuição que estes intelectuais podiam legar à causa do Partido e a *Revolução*, seria a de colocar sua arte a serviço desta causa, pois de acordo com as idéias correntes no universo comunista, que seriam melhor definidas no projeto do *realismo socialista* de Andrei Zhadanov, "a cultura torna-se serva da política" (VERDÉS-LEROUX, 09,p. 36). No caso brasileiro, o romance de Jorge Amado, seguindo este modelo, procurou realizar "a descrição da maneira de viver, das lutas e perspectivas políticas do proletariado, cumprindo porém uma função, qual seja, a de propaganda-la junto a outras camadas sociais tidas como importantes para o movimento político a que o autor se liga" (BERNO DE ALMEIDA, i9,p.113)

Toda a gama de bens simbólicos produzida pelos intelectuais comunistas, teria então a *função* precisa de adestrar sua clientela aos princípios políticos que regiam esta produção.

O próprio Amado a época, defendia que "os escritores e artistas brasileiros... procuraram percorrer um caminho construtivo. Um caminho de educação para o povo, de esclarecimento popular, de levantamento dos nossos problemas... procurando colocar o conteúdo da nossa arte numa forma simples e pura mais próxima e acessível a grande massa ávida de cultura" (grifo nosso) (ibid,p.202)

Em crítica ao estilo dos romances *engajados* de Jorge Amado, Otto Maria Carpeaux chama atenção para o "emprego abusivo de *chavões*, de *palavras de ordem*, disseminadas em redundância no texto e no vocabulário enigmático da militância ... Amado persiste em transmiti-los para um público indiferenciado de leitores, visando naturalizá-los ao nível léxico ordinário pela repetida propagação" (ibid, p.209)

Esta orientação geral dos PCs para a produção dos bens simbólicos passará, no final dos anos 30 até aos 50, a se constituir numa bem definida *política cultural* que irá se caracterizar pelo dirigismo do marxismo-leninismo em todos os campos da criação intelectual: o *realismo socialista* para as artes assim como a *ciência proletária* de Lysenko para o campo científico. Para tal foram montados em torno dos PCs uma extensa rede de *equipamentos* com o fim de difundir esta política cultural.

No caso do PC Brasileiro segundo Rubim, no período de sua reorganização dos anos 1945-1947, contava-se com "oito jornais diários e inúmeros semanários nas principais capitais e cidades brasileiras, uma agência de notícias, a *Interpress*; inúmeras revistas, inclusive uma voltada para o campo cultural, a revista *Literatura*, dirigida por *Astrogildo Pereira*; duas editoras, um serviço de cine-jornal, a *Liberdade Filmes*, e vários outros meios e entidades" (RUBIM,p.14)

Outra forma pela qual o intelectual é frequentemente chamado a servir ao partido e a "revolução", é quando é designado, por seu capital intelectual acumulado, a ministrar cursos teóricos e outras sorte de adiestramento no plano pedagógico aos "camaradas proletários" no Partido e nos sindicatos. Basbaum se refere nas suas memórias, a "nova tarefa, recebida; dar um curso teórico sobre o *Capital*, de Marx, aos operários de uma fábrica de tecidos que ficava em *Laranjeiras*" (BASBAUM,p.40).

Em Rodrigues encontramos a menção que o dirigente Marco Antonio Coelho "foi enviado para São Paulo em 1953, encarregado de cursos para militantes, e, depois para quadros intermediários do partido" (RODRIGUES:19,p.393)

Instituição de fachada

Uma função que o intelectual desempenhou no Partido, que nunca foi assumida no nível da formulação e do discurso, embora tivessem dela consciência, tanto intelectuais, em momentos de desconforto, ao se sentirem usados, quanto dirigentes ao constatar que aquele mecanismo auferia dividendos ao Partido; foi o mecanismo denominado por Berenice Cavalcanti, de "*parede protetora*". (CAVALCANTI, 1985, p.64). Esta *parede* era constituída pelos militantes intelectuais, que com laços no "mundo exterior", diminuíam o contraste entre os "de dentro" (do partido) e este mundo, suavizando, desta forma, as diferenças entre o esotérico do partido e o senso comum da realidade externa.

Os intelectuais aparecem para a sociedade como membros do Partido, "no entanto ... não são 'fanáticos', podendo assim apre-

sentar o movimento com características de normalidade. Nesse sentido cumprem duplo papel pois servem de fachada do movimento totalitário para o mundo não totalitário, e como fachada do mundo não totalitário para o totalitário ... fazem com que os 'de dentro' suponham que existam apenas diferenças de grau em sua identificação ao partido, e criam a concepção de normalidade" (ibid,p.64).

Para os quadros efetivos e veteranos do Partido, o fato de existirem membros intelectuais nas franjas deste com a sociedade, dá a impressão que os segundos sejam apenas *iniciados*, ao passo que eles próprios, já se encontram num grau mais elevado de compromisso com o Partido, e de conseqüente, elucidação e compreensão profunda da realidade exterior.

Pudal chama atenção, no seu estudo sobre o PC Francês, sobre a existência no partido de um "núcleo estável" atado a ele por "ligação fusional" ao lado se um segmento flutuante que adere a ele, do qual apenas poucos aprofundarão seus compromissos e alcançarão ao "núcleo" e a uma condição sapiencial da realidade exterior.

Entre os que orbitam constantemente em torno do Partido, prevalecem intelectuais, que se aproximam e se afastam ao sabor dos fatos políticos. (PUDAL,pp,86-87)

De posse de uma análise *arendtiana*, (ARENDR,1979,p.137), Cavalcanti, realiza a crítica da ideologia embutida neste artifício da estrutura "de fachada" funcionando como um anteparo que ajuda a manter a irrealidade do "mundo de dentro". Crítica esta, reveladora deste "*universo sectário (no sentido definido por Weber), universo descolado do exterior, pouco a pouco impenetrável*" (VERDÉS-LEROUX, p.26), que se julga, contudo, o pólo de inteligibilidade de toda realidade exterior.

Rubim, por sua vez, utiliza o termo "*uso ornamental*", empregado antes por Carlos Nelson Coutinho, para dar conta do mesmo fenômeno; ou seja, a "*utilização prioritária do prestígio e não das capacidades/habilidades do intelectual*" como reforço para a credibilidade e reconhecimento do Partido. (ibid,p.26)

" a história do partido está saturada deste tipo de relacionamento. Seu objetivo é estender o prestígio do intelectual ao partido sob diversas formas: respeitabilidade, voto, apoio financeiro, adesão, etc. Uma anotação escrita por Carlos Drummond de Andrade no seu diário expõe com toda nitidez este uso. Convidado para ser um dos cinco diretores do diário Tribuna Popular do PC editado no Rio, depois de pouco tempo anota Drummond: 'Dos cinco diretores ostensivos, parece que somente dois o são de fato'. Aos pou-

cos o destino incerto de suas produções no jornal, do qual era formalmente diretor, inclusive um caso de censura declarada afastam o poeta do jornal, mas o seu nome só é retirado meses depois e mesmo assim por sua solicitação." (pp.26-27)

Oswaldo Peralva, também detecta este abuso utilitário da condição do intelectual pela máquina partidária: "*É certo que a direção do PCB também apreciava estes nomes (Niemeyer, Jorge Amado, Portinari, Graciliano Ramos) e os utilizava politicamente para que assinassem manifestos e telegramas de protesto e para que comparecessem em congressos nacionais ou internacionais de interesse dos comunistas*" (PERALVA, 1960, p.345)

Conclusão

Assistimos dos anos 20 aos anos 60, grandes fluxos de aproximação e conjugação entre uma intelectualidade rebelde e os Partidos Comunistas. Porém a partir dos anos 60, assistimos um progressivo afastamento dos intelectuais em relação aos PCs no mundo inteiro.

Para o caso brasileiro, Rubim elenca uma série de fatores que levaram a um *desencantamento* desta intelectualidade, com o seu conseqüente distanciamento do PCB:

"A denúncia dos crimes de Stalin e do totalitarismo soviético, a quebra do monopólio da URSS sobre o movimento comunista internacional e sobre o marxismo, bem como as intervenções soviéticas em países socialistas ... (p.9,10)

Em seguida, o mesmo autor volta a elencar fatores causais que levaram "*o fim da hegemonia do PCB sobre uma intelectualidade contestadora no Brasil*":

"impasses teóricos políticos colocados pela derrota de 1964 ... que provocam incontáveis cisões no PCB com o desencadeamento da luta armada", "difusão de outras e novas interpretações do marxismo; quebra da unidade de movimento comunista internacional; invasão soviética na Tchecoslováquia; Revolução Cultural Chinesa, manifestações estudantis em 1968, etc" (p.18)

Quanto ao papel que jogaram os intelectuais na crítica interna que se operou nos PCs a partir da *desestalinização*, este também foi de crucial importância. Todo o movimento de *renovação* dentro dos PCs foi capitaneado por intelectuais, e se de fato esses movimentos foram contidos pela inércia das burocracias partidárias, não podemos deixar de frisar que todas as tentativas de renovação: dos reformistas de 68 aos euro-comunistas da década de 70 (no caso do PCB, a tentativa de marcar a "democracia como valor universal" defendida por intelectuais como Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder), no caso brasileiro, foi obra de correntes intelectuais.

Todavia, ao longo destes anos, toda a criatividade de pensamento destes intelectuais é tolhida pela "Máquina Partidária" em dois movimentos: um primeiro, quando são constrangidos pelas tarefas partidárias, a não exercem plenamente sua atividade intelectual, a ponto de um Jorge Amado desabafar desta forma:

"Durante muito tempo tive militância político-partidária diária. Quase deixei de ser escritor, levei quase dez anos sem escrever" (BERNO DEALMEIDA, op.cit, p.219)

Peralva também registra que "o poeta Santos Morais somente porque ousou declarar (...) que não pretendia deixar-se absorver pelas tarefas práticas do Partido (colação de cartazes, pichação de muros, etc.) limitando-se a atuar como jornalista e dispondo de tempo para escrever poemas e romances quase foi linchado pela célula daquele jornal (*Tribuna Popular*)" (PERALVA, p.326). Essa carga de pressão, que Aarão Reis Filho chama de "estratégia de tensão máxima" ou de "massacre de tarefas" terminou levando que muitos intelectuais extenuados abandonassem o PCB.

Por outro lado, como segundo movimento, eram impedidos pela Doutrina oficial do Partido, de dar vazão a todo seu potencial criativo, limitados que estavam pelo Marxismo-Leninismo, e seu derivado, para o campo das artes, o *Realismo Socialista*. Qualquer atitude em descompasso com os padrões oficiais era considerada como "desvio" à verdade "científica". Peralva conseguiu captar bem este quadro de tensão:

"O intelectual é por natureza, um inconformado, mente aberta ao debate, à pesquisa, à busca de novas verdades, e por isso os intelectuais do PCB tinham de chocar-se com a rigidez dogmática

dos dirigentes. A leitura dos livros outros que não os marxistas-leninistas-stalinistas era vista com maus olhos no Partido" (PERALVA, p.326)

Diante dessas premissas marcadas pelo dogmatismo e a intolerância, todo o debate dentro do Partido tem que necessariamente assumir feições maniqueístas, onde todas as críticas são tomadas como *ataque* e todas as *discordâncias* são consideradas como *traições*.

O abandono do Partido nesta situação é marcado por um clima de acusações de arrivismo. Segundo Peralva, "*como em todas as sociedades secretas, só tem porta de entrada. Para sair, tem-se de escapar pela janela da execração, sob o apuro ululante dos que ficam.*" (PERALVA: p.251). A imagem da "porta única" aparece de novo nas memórias de João Falcão, quando ele relata um encontro com um egresso do PCB, quando este lhe dissera: "*Só tinha porta de entrada, porque dele ninguém podia sair, sob pena de ser taxado de traidor*" (FALCÃO:p.66)

Porém em Jorge Semprún, encontramos, para além do peso encobridor que a *instituição total* impõe sobre seu interno, uma outra atração que a vida externa também exerce sobre ele, deslocando-o deste nicho. Para Semprún, o mundo interno dos Partidos Comunistas, é ficcional e só se pode chegar a realidade, fora dele:

"As vozes e os rumores da realidade social foram se amplificando para mim, até tornarem-se ensurdecedores, até fazer calar o rumor beatífico do nosso discurso ideológico, cada vez mais defasado da realidade. Tinha que escolher entre a realidade do discurso e o discurso da realidade. Escolhi o último (...) e o fato de escutar o discurso da realidade [me colocou] fora do partido." (SEMPRÚN: p.178)

Ao lado de toda estas marcas e seqüelas que o Partido enquanto uma instituição total projeta sobre o indivíduo que se afasta dele, há o aspecto que termina se consolidando, que é o da vivência prazerosa, de experienciar a novidade e o diverso. Erwing Goffman, o teórico das *instituições totais*, assim se reporta ao fenômeno: "*Evidentemente logo depois da liberação, o interno tende a ficar maravilhado diante das liberdades e dos prazeres de status civil que os civis usualmente não percebem como 'acontecimentos' - o odor nítido de ar fresco, falar quando se deseja usar um fósforo inteiro para ascender um cigarro, fazer um lanche solitário numa mesa arrumada para apenas quatro pessoas*" (GOFFMAN, E. : p.67)

No caso dos que se descolaram dos PCs encontramos a mesma sensação de liberdade, gozo e fruição, como está registrado em Verdés Leroux: *"com a porta aberta, o antigo comunista retoma, após algum tempo mais ou menos longo as liberdades e os prazeres da vida civil, se apercebe que o mundo não é uma massa perditionis como sua comunidade ascética tinha lhe dito"* (VERDÉS-LEROUX, J.:p.59)

No depoimento de Basbaum sobre os anos que se seguiram a sua saída do PCB, nota-se que ele experimenta uma sensação de que o Partido não existe mais (porque ele não existia mais na sua vida):

"Lembrava-me da sensação que eu experimentava (...) apenas três anos, em que, afastando-me do Partido, mal parecia que, não eu, mas o Partido se havia acabado." (BASBAUM, L.: pp. 160-1)

Em outro trecho de suas memórias, Basbaum retorna ao tema ao relatar um encontro com um amigo que também se afastara *"desgostoso com os rumos que o Partido levava"* e ouve deste, *"na verdade, ele achava que o Partido não existia mais."* (id ibid: p. 161)

À crescente onda de rompimento dos intelectuais com o PCB motivadas por problemas de adaptação e liberdade interna, somam-se causas externas, dentro de um quadro mundial, como: a crise da modernidade com seus impasses e surgimento de novos paradigmas éticos, estéticos, de crítica ao primado do cientificismo e do progresso, de revalorização da natureza (Ecologia), que levaram a sólida consistência da *"ciência do proletariado"* a um estado de fragmentação, acompanhado pelo desmoronamento das sociedades do *"socialismo real"* e a conseqüente crise e transformação nos Partidos Comunistas do antigo Leste e da Europa. Tudo isto, evocando uma velha frase de Marx, retomada pelo autor pós-moderno Marshall Berman: *"tudo o que é sólido, desmancha no ar"*

A propensão para o afastamento dos intelectuais do PCB - dentro de um quadro mais geral de crise dos próprios fundamentos do comunismo, que levou a extinções, refundações, fragmentações, resultando no Brasil numa pulverização do PCB em: PPS, Pcd B e num diminuto e inexpressivo PCB, sem falar no PSTU, onde a idéia-força da centralidade do partido, pertence a um vocabulário de idéias passadas - se estende hoje as demais agremiações de esquerda não-comunista, e segundo Rubim, no Brasil contemporâneo, fruto deste processo de desencanto, há uma nítida *"tendência recente dos intelectuais ... de se afastar dos partidos - talvez com uma tênue exceção ao Partido dos Trabalhadores - e até da política"* (RUBIM, 1988,p.19)

Bibliografia

- AARÃO REIS FILHO, Daniel. *A Revolução faltou ao Encontro. Os comunistas no Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (Memórias)*. São Paulo. Ed. Alfa-Ômega, 1978.
- BERNO de ALMEIDA, Alfredo Wagner. *Jorge Amado, Literatura e Política*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.
- CAVALCANTI, Berenice. O Juramento de Lealdade e Fidelidade: a militância no PCB in *Religião e Sociedade*. n 12/1, Rio de Janeiro, ISER, 1985.
- DARNTON, Robert. *Boemia Literária e Revolução. O submundo das Letras no Antigo Regime*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1974.
- FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- GOFFMAN, Erwing. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- PERALVA, Osvaldo. *O Retrato*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1960.
- PUDAL, Bernard. *Prendre Parti. Pour une sociologie Historique du PCF*. Paris, Presses de la Fondation Nationale des Sciences Sociales, 1989.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB in *História Geral da Civilização Brasileira*. Boris Fausto (org), São Paulo, Difel, 1977.
- RUBIM, A.C. *O Partido Comunista e os Intelectuais no Brasil* (mimeo), 1988.
- SEMPRÚM, Jorge. *Autobiografia de Federico Sánchez*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- VERDÉS-LEROUX, Jeannine. Une Institution Totale Auto Perpetuée. Le Parti Communiste Français in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n 37-37, Février/Mars, Paris, Edition de Minuit, 1981.